

A METODOLOGIA E A DIDÁTICA NO ENSINO RELIGIOSO DAS ESCOLAS PÚBLICAS E COLÉGIOS RELIGIOSOS DE PERNAMBUCO EM 1940

THE METHODOLOGY AND THE DIDATICS IN THE RELIGIOUS TEACHING IN PERNAMBUCO'S PUBLIC SCHOOLS AND RELIGIOUS COLLEGES, IN 1940

*Fábio Medeiros Cordeiro*¹

*Luiz Henrique Rodrigues Paiva*²

RESUMO

O presente artigo revela resultados da pesquisa histórica sobre o Ensino Religioso na década de 1940, no Brasil e, de modo especial, em Pernambuco. As aulas eram ministradas com muita seriedade, e até mesmo severidade, por padres, freiras e pessoas ligadas à Igreja Católica. Naquele contexto histórico, o Ensino Religioso estava marcado pela herança de um catolicismo hegemônico, que tinham como objetivo fortalecer a cristandade católica, combatendo e menosprezando as outras expressões religiosas como “seitas” indesejáveis à fé cristã. Em suma, esse ensino era proselitista, uma braço da Igreja dentro das Instituições de Ensino públicas e privadas. Para demonstrar isso, apresentamos, num primeiro momento, como se apresentava o Ensino Religioso no Brasil e, num segundo momento, o método e a didática do desse ensino nas Escolas Públicas e Colégios de Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE: Proselitismo; Campo Religioso Brasileiro; Catolicismo; Educação Religiosa.

ABSTRACT

This paper reveals some results concerning the historical research regarding to the Religious Teaching, in the 1940th decade, in Brazil

¹ Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP. Graduado em Filosofia pela UNICAP. E-mail: fabiomedeiros@fafire.br

² Graduado em História pela UNICAP. Pós-graduado em História da África pela FUNESO e em Docência no Ensino Superior pela FAFIRE. Mestrando em Ciências da Religião pela UNICAP. E-mail: historiaprof.luizhenrique@gmail.com

and, in a special way, in Pernambuco. The lessons were given, with a great seriousness, even, perhaps, with severity, by priests, nuns and people – persons – linked to the Catholic Church. In that historical context, the Religious Teaching was marked – characterized – by a hegemonic Catholicism heritage that had, as an aim, fortifying the Catholic Christendom, fighting and underestimating the other religious expressions as undesirable “sects” in front of the Christian Faith. In a word, this teaching was proselitist, a Church’s branch within public and private teaching institutions. In order to demonstrate this, we present, in a first moment, the way how the Religious Teaching presented itself the Religious Teaching, in Brazil – and, in a second moment, this teaching method and didactics, in Pernambuco’s Public Schools and Colleges.

KEYWORDS: Proselytism; Brazilian Religious Field; Catholicism; Religious Education.

Introdução

Através da análise dos documentos e bibliografias encontrados, o trabalho revela como se realizava a didática em sala de aula nas escolas públicas pernambucanas do período de 1940. Esses documentos revelam que tais aulas eram realizadas com muita seriedade e até mesmo severidade, ambientando o ensino religioso totalmente voltado para a cristandade católica; sem fazer nenhuma menção a outras doutrinas religiosas e, muitas vezes, combatendo-as como “seitas” sem importância.

É importante notar que tanto nas escolas públicas como nas grandes escolas e colégios católicos privados, a religião era utilizada como uma maneira de transformar a sociedade em pessoas mais humanas, fazendo-as serem seguidoras mais fiéis dos ensinamentos de Cristo e, dessa forma, tentava-se acabar com maus hábitos, corrupção, desobediência, falta de respeito e, no caso das grandes escolas e colégios católicos privados, manter a elite longe de meios não católicos, evitando a adesão por parte dessas elites a outras doutrinas religiosas.

O referido trabalho mostra que, em sua maioria, os professores eram pessoas ligadas à Igreja ou a alguma ordem religiosa, podendo estes serem também padres, freiras ou beatas, o que ocasionava um ensino bastante rígido para com os alunos. A rigidez se deve ao fato de que muitos professores julgavam estar fazendo não apenas um trabalho ligado à instituição de ensino, mas também um trabalho para o próprio Jesus Cristo e a Igreja Católica, como afirma José Rafael de Menezes em sua obra *Os Colégios Católicos e o Espírito do Evangelho* (1961).

Segundo José Rafael de Menezes (1961), esse espírito de obra superior não permitia que os alunos questionassem ou expusessem seus pensamentos e ideias durante as aulas, pois, uma vez isso, ocorre que o ato era visto como uma afronta não apenas ao professor, mas para a própria igreja e o próprio Deus. Com essa prática, os alunos se sentiam intimidados e muitos não absorviam os verdadeiros ensinamentos cristãos.

A falta de didática dos professores acarretava, segundo José Rafael de Menezes (1961), uma certa falência educacional que se refletia na sociedade, pois, para o autor, eram justamente esses atos arrogantes dos educadores que criavam pessoas também arrogantes, fazendo com que a essência dos ensinamentos cristãos ficasse em segundo plano. Os erros continuavam ainda na escolha dos materiais a serem seguidos, uma vez que, para serem utilizados em sala de aula, os livros, cadernos e planos de aula teriam que passar pela aceitação do Arcebispo de Olinda e Recife; na época Dom Miguel de Lima Valverde.

Dessa forma percebemos que a didática do ensino religioso nem sempre foi aplicada da devida maneira, tendo em vista que o ensino religioso deve mostrar as culturas e as tradições religiosas. Essa era uma maneira de explicar e expor as várias doutrinas sagradas encontradas nas diferentes sociedades. No entanto o que se percebe é que havia uma espécie de catequização em

muitos momentos que funcionava com o objetivo de manipular a religiosidade e a mentalidade de sociedade.

Nas escolas públicas e privadas atuais, ainda sentimos falta de um ensino religioso que pratique a busca pelo entendimento das várias religiões sem tentar algum tipo de manipulação ou que mostre apenas o lado cristão do sagrado. Quando se fala de ensino religioso, devemos ter em mente que várias pessoas da sociedade possuem crenças diferentes e que devem ser compreendidas com toda a seriedade que os ensinamentos sagrados proporcionam, uma vez que todas as religiões, independente de sua filosofia ou local de origem, remetem a Deus.

Analisando esses fatos, o seguinte trabalho tem como problematização a seguinte pergunta: qual a relação didática do ensino religioso da década de 1940 com a didática dos dias atuais na mesma disciplina?

Essa proposta nos levará ao estudo da historia do ensino religioso no Brasil e principalmente no nosso Estado, tendo como alvo as escolas públicas e privadas onde a pratica do ensino religioso foi ou é aplicada, fazendo as devidas comparações das épocas distintas.

Tem como objetivo principal mostrar como era desenvolvida a didática no ensino religioso da década de 1940 e quais são as novas propostas para a época atual; assim também como mostrar certos hábitos que prevaleceram como herança dos rígidos tempos onde só o catolicismo era aceito de uma forma praticamente manipuladora.

1. O ensino religioso no Brasil

Podemos falar de ensino religioso no Brasil desde o período da colonização, realizada pelos portugueses, que, por sua vez, fazia

vigorar no Brasil um ensino com ênfase na doutrina da religião oficial do império; a religião Católica Romana.

No Brasil Colônia existia um acordo entre o rei de Portugal e o sumo pontífice a respeito da formação religiosa do povo brasileiro; acordo esse que tinha como grande objetivo estabelecer um catecismo tradicional assim como difundir a fé cristã na nova terra. Logo o catolicismo passou a ser a religião oficial do Brasil. Durante o período da Primeira República, o ensino religioso passa a perder espaço nas escolas e, de uma maneira geral, na sociedade, que começa a estabelecer um grau facultativo para o referido ensinamento, tornando-se posteriormente quase que figurativo nos atuais estados laicos, seja nas escolas públicas ou privadas.

Após a Proclamação da República em 1889, Igreja e Estado se separam e a liberdade de culto juntamente com o reconhecimento da diversidade religiosa é estabelecida. Porém, o ensino religioso em nosso país continua sendo, na prática, o ensino da fé cristã, muitas vezes relegando totalmente outros ensinamentos religiosos. Com a Constituição de 1934, o Brasil presencia novamente uma aproximação entre Igreja Católica e Estado após uma ruptura de aproximadamente quarenta e cinco anos; dessa forma, o país presencia a criação de um estado autoritário e de uma igreja que, após anos de turbulência, ressurgia e ascendia ao poder após esses quarenta e cinco anos de república laica.

Robson Stigar (2009), cientista religioso e Bacharel em teologia, afirma em seu artigo A história do ensino religioso no Brasil que:

Nesse período a Igreja Católica se colocou contrária aos defensores da Nova Escola. Debates ásperos ocorreram e personalidades como Anísio Teixeira e Fernando Azevedo foram taxados de comunistas e materialistas. A corrente católica venceu mais esta batalha, fazendo prevalecer suas opiniões na legislação aprovada.

É justamente desse período que o referido trabalho aborda as didáticas utilizadas pelos educadores cristãos e pelas autoridades religiosas nas escolas públicas de Pernambuco e do Brasil; assim também como as instituições privadas, nas quais se tentava estabelecer uma ordem cristã; ordem essa que deveria ir além dos muros das escolas e colégios, mantendo, assim, em primeiro lugar, uma sociedade cristã e católica; em segundo lugar, uma elite dominante ligada à cristandade e, em terceiro lugar, o combate a maus hábitos que tornariam a sociedade livre de certos pecados.

Com a constituinte de 1988, observamos outras transformações no ensino religioso, que passará a efetivar sua função como uma disciplina escolar, no ambiente escolar, e não como uma ou mais religiões. Com a atual LDB, Lei de Diretrizes e Bases, o Estado, a Escola e a sociedade, terão que considerar o ensino religioso como uma fundamentação própria da escola, ou seja, com diálogo e com o conhecimento; e não mais como uma formação religiosa ou catequética, o que fazia do ensino uma “ação pastoral”.

Atualmente, segundo Robson Stigar (2009), há diversos modelos de ensino religioso vigentes no país, sendo eles, o Modelo Confessional, o Modelo Inter-confessional, o Modelo Supra-confessional e o Modelo Disciplina-curricular, cada qual com suas propostas.

De acordo com Stigar (2009), o primeiro é oferecido de acordo com a formação religiosa do aluno ou de seus responsáveis e as aulas são ministradas por professores qualificados, preparados e credenciados por várias entidades religiosas. O segundo modelo é desenvolvido por diversas entidades e grupos religiosos, que são responsáveis por uma elaboração de programas de estudo.

O ensino religioso Supra-confessional é o estilo desenvolvido nas escolas públicas. Esse tipo de ensino não admite proselitismo religioso, preconceito ou qualquer tipo de manifestação que

impeça os alunos a professarem seus credos religiosos ou mesmo não professarem credo algum. O maior foco deste estilo é assegurar o respeito a Deus, além da diversidade religiosa e cultural; fundamentando-se também nos princípios da cidadania, tolerância, ética, respeito, além de preservar os valores humanos existentes nas tradições religiosas.

Por ultimo, a chamada Disciplina Curricular é um modelo pensado como área de conhecimento; e tem como objetivo o estudo do fenômeno religioso. Assim sendo, os professores são orientados a realizar vivências coerentes de um projeto profundamente humano; além de priorizarem os princípios do respeito, tolerância, convivência pacífica e liberdade cultural.

Atualmente, percebemos algumas mudanças no ensino religioso provocadas pela Lei 9.475, que dá nova forma ao Artigo 33 da Lei 9.394. Esse artigo estabelece que deve haver regulamento nos procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso, com o estabelecimento de normas para a habilitação e admissão dos professores; o que torna o ensino religioso mais aberto, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, além de acabar com qualquer forma de proselitismo ou preconceito.

Através desses estudos, percebemos que tanto na rede pública, como na rede privada de ensino, o conhecimento sobre religião desperta conflitos e dificuldades nas aulas ministradas. Essas dificuldades ocorrem pelo fato de que muitos professores de ensino religioso insistem em catequizar e educarem os alunos na fé cristã; o que torna o fato difícil visto que existem várias denominações religiosas entre os alunos.

Essa insistência também se torna questionável por estar pondo à prova o conceito do respeito pela diversidade religiosa; outros conflitos ainda ocorrem pelo fato de que muitos pais não admitem ou não acreditam em certos dogmas religiosos, que, muitas vezes, são apresentados aos alunos como sendo verdades da fé.

2. Metodologia e Didática no Ensino Religioso em 1940 nas Escolas Públicas e Colégios de Pernambuco

Vimos no capítulo anterior como se desenvolveu o ensino em nosso país assim como se desenvolveram as instituições educacionais e colégios, voltados principalmente pela educação imposta pelos Jesuítas, que estabeleceram a educação religiosa como uma disciplina importante e indispensável para a formação do homem. Essa mentalidade iria continuar pelas próximas décadas até alcançar a era moderna, pois para realizar a educação integral do homem, o mesmo deveria construir uma base não apenas sobre os conhecimentos científicos, mas também sobre os alicerces da educação religiosa.

Para isso, foi autorizado o Ensino Religioso obrigatório nas escolas e colégios do Brasil, uma vez que, para muitos educadores e religiosos, era necessário que as crianças e adolescentes tivessem uma formação que captasse não apenas o corpo dos alunos, mas o corpo e a alma, atingindo, dessa forma, o objetivo dos chamados professores catequistas – a transmissão do conhecimento religioso e a salvação da alma.

Em Pernambuco dos anos de 1940, as Escolas e colégios, principalmente os públicos, tiveram por obrigação pelo menos duas aulas por semana de ensino religioso, sendo essas aulas realizadas durante um dia na semana e outro geralmente aos sábados, em que as turmas se dividiam por faixa etária: os mais velhos ficavam com o turno da tarde, enquanto que os mais novos com o turno da manhã. Isso ajudava na criação de uma mentalidade cristã e permitia, no caso das elites, que houvesse uma manutenção das classes dominantes católicas na política e no poder geral da sociedade da época, uma vez que o catolicismo era a religião única e exclusiva no processo de ensino.

O Santo Padre Pio XI, em sua encíclica “ Divini Illius Magistri “, reconhece e enaltece a importância do ensino religioso voltado

para a excelência da educação cristã. Ele ensina, em suas palavras que a arte de educar não é apenas preparar os alunos e o homem em geral para a obtenção de um ideal terreno, mas dispô-lo e principalmente prepará-lo para atingir a sublime vontade que Deus preparou para o seu destino. Logo, a arte de educar é fazer de uma criança ou de um jovem um ser “ digno “ daquele que o criou e, conseqüentemente, da sociedade na qual habita, precisando, para isso, ter um ou uma educador/educadora católica com conhecimento perfeito da doutrina cristã e de plenitude com sua própria consciência.

Foi esse pensamento que reinou absoluto nas escolas e colégios pernambucanos durante a década de 1940, ou seja, na disciplina de religião, os professores deveriam construir um ensinamento que aprimorasse os dons espirituais do aluno. Dessa forma, eles se tornariam pessoas melhores e mais receptíveis a qualquer doutrina mundana, tornando-se bons cidadãos, bons estudantes, bons filhos e filhas e, principalmente, bons cristãos dispostos a contribuir com o crescimento da sociedade. Logo a metodologia era a de que ninguém ama o que não conhece e para a obtenção desse conhecimento, que está ao alcance de todos, basta ter a boa vontade de estudar o catecismo.

Percebemos claramente que a finalidade era embutir os jovens do espírito cristão, como afirma Bezerra (1931):

Se ao contrario, a chamada escola moderna continuar a repousar, como infelizmente se vê quase por toda parte, numa concepção naturalista da vida; atacando-se exclusivamente as coisas terrenas e temporais, em vez de dirigir o alvo para Deus, primeiro principio e fim de todo o universo, falha lamentavelmente ao seu fim, solapando pela base a vida moral da juventude.

Para que tal finalidade fosse possível, o Ensino Religioso deveria ser feito na escola como as demais disciplinas, com notas, aprovações e reprovações, chamadas obrigatórias e,

principalmente, apresentar métodos considerados modernos para retirar dos alunos um maior rendimento.

Uma verdadeira preparação era realizada para que os “professores catequistas” pudessem realizar as aulas com o chamado real proveito, os professores deveriam estar bem preparados e bem ambientados com o conteúdo, além de estarem preparados intelectualmente e espiritualmente; pois os preparos espiritual e intelectual eram condição essencial para que não fossem incutidas, na alma das crianças e jovens, noções erradas, falhas e outros contrapontos que poderiam prejudicar a formação religiosa de toda uma vida.

Muito se comentava sobre os materiais didáticos a serem trabalhados em sala de aula, pois era exigido que os professores catequistas não se restringissem apenas a um ligeiro conhecimento do Catecismo, da Liturgia e da História Sagrada; eles deveriam conhecer profundamente o que iriam ensinar e isso iria requerer muitos e profundos estudos.

Felizmente, para os professores da época, já se podia contar com uma bibliografia considerável em relação à pedagogia e à doutrina religiosa, livros esses que eram traduzidos e também de autores brasileiros, cujos professores poderiam colher mais conhecimentos e aplicá-los. No entanto, esses livros, muitas vezes, ficavam em poder exclusivo dos professores, já que poucos exemplares chegavam às instituições de ensino e, dessa forma, faltava material nas bibliotecas, o que prejudicava as consultas que eram indispensáveis aos alunos.

Uma tentativa de amenizar essa falta de livros com os alunos foi à utilização de revistas e jornais que tratassem do assunto, uma vez que esse material, por seu manuseio mais fácil e frequente, além de seu menor custo, aproximava os alunos do centro das discussões a principalmente das questões a serem aprendidas.

Muitas destas revistas pertenciam a centros religiosos e eram consideradas como atualizadas e concretizadas em seu propósito. A professora Alice Carneiro da Cunha assim definia a importância dessas reuniões e núcleos de estudos religiosos: Os Círculos de Estudos Religiosos preparam as futuras e futuros catequistas, tornando-os aptos para a elevada missão de formar cristãos perfeitos; há os cursos de religião, como aqui já se fazia no Curso Anchieta e ultimamente se vem fazendo no Ginásio Normal do Estado (CUNHA, 1944).

Percebemos que as exposições e os congressos catequéticos organizados por esses cursos eram outros tantos meios de ampliar os conceitos e as ideias oferecidas para a condução dessas aulas nas escolas públicas e privadas.

Para os profissionais da disciplina, uma vez organizado os planos de aula, a confiança para responder às questões e perguntas que lhes forem dirigidas surgiria naturalmente; porém era necessário criar um mecanismo que facilitasse o surgimento dessa confiança, como por exemplo, afastar as dificuldades apresentadas, explicar o mesmo assunto várias vezes de modo diferente, o que facilitava a memorização por parte dos alunos. Esses eram alguns dos modos que os professores catequistas utilizavam para fazer crescer a confiança de seus alunos e despertar-lhes mais “amor” pela religião, no entanto, as dificuldades existiam e o método da memorização nem sempre funcionava ou atraía a atenção do alunado, principalmente das crianças.

Um grande problema para esses professores de religião era a preparação mental que todos deveriam ter, pois era ensinado aos mesmos que não bastava apenas que o profissional estivesse imbuído das verdades da doutrina, logo uma preparação mental e espiritual era necessária para a realização de cada aula, coordenando o objeto da lição e de estudo, com a paz de espírito e liberdade da alma.

Para os educadores, muitos alunos não conseguiam compreender as verdades bíblicas que lhes eram ensinadas por serem verdades muito abstratas, logo a escola era considerado o ambiente mais apropriado para se ensinar o catecismo, por poder oferecer maiores possibilidades tanto no que se mostra aos meios pedagógicos, quanto a outros meios pertinentes. Para isso, era preciso continuar a formação religiosa vinda do ambiente familiar e do ambiente paroquial, sendo este segundo, o complemento dessa educação, caso o aluno não estivesse familiarizado com o ambiente religioso, era missão da escola e dos professores catequistas suprir essa carência.

Muitas vezes, era detectado no Circulo de Pais e Mestres o que se chamava de ignorância por parte dos pais dos estudantes em relação aos dogmas da fé e de suas práticas. Quando esses fatos ocorriam, havia a necessidade de mostra-lhes a finalidade do catecismo assim também como sua importância, tirando vários e poderosos argumentos para justificar a sua finalidade em sala de aula. Alguns desses argumentos eram a decadência de vários costumes de que tanto se ressentia a sociedade moderna; outro argumento era a indisciplina dos filhos, o que resultava do pouco ou nenhum conhecimento dos hábitos e costumes cristãos tanto pelo lado dos pais como dos próprios alunos.

Mais uma vez a professora Alice Carneiro da Cunha analisa os meios utilizados com bastante empolgação e demonstrando sua posição a favor da utilização de todos os meios possíveis para a chamada “salvação da alma” do alunado:

Utilizando todos esses meios, zelosa de suas responsabilidades cristãs, dando com entusiasmo seu esforço, a educadora ou educador católico tudo empregará para deixar na alma de seus alunos, a semente boa que há de frutificar, fecundada pela graça divina (CUNHA, 1944).

O estudo do Catecismo, não se devendo restringir ao campo intelectual, aos estudos de formulas ou teoremas, tinha como

obrigação alcançar o campo espiritual o que também forçava os professores a um verdadeiro exercício de formação sobrenatural e preparação de estado de graça.

Ter espírito de fé e fazer com que sempre a vontade de Deus e não a sua própria guiasse a sala de aula deveria ser o ápice de disciplina, ou seja, em tudo enxergar a luz da eternidade; possuir uma vida santa e oferecer a mesma condição aos alunos, porém essa realização era uma tarefa muito difícil e não demorou para que propostas fossem feitas para tal fim, como conservar o espírito de fé, como conservar a santidade da vida e o estado de graça na sala de aula?

Muitas vezes tornava-se difícil conduzir os alunos ao interesse da disciplina ministrada e a educadora católica fora do estado de graça era considerada incapaz de tocar a alma do aluno convictamente. Não demorou para que uma das mais antigas armas da igreja ao longo dos séculos fosse utilizada em prol da educação, o horror ao pecado.

Vários alunos eram levados a sentirem medo ou abominação pelos maus atos e assim eram severamente castigados. Outro aspecto dos professores e professoras catequistas era a chamada Piedade Profunda, uma vez que era necessário ter paciência com os alunos, principalmente com aqueles denominados mais ignorantes no assunto. Essa paciência que um educador deveria ter não era possível sem a religião, sem a piedade cristã que tanto era desejada. Logo surge o conceito de ter que se sacrificarem todos os dias pelo aluno e em seu benefício, em sua causa e, principalmente, por amor a Deus. As cúpulas dos colégios estaduais e principalmente religiosos de Pernambuco afirmavam inclusive que, para verdadeiramente se cumprir bem o dever de educar, formar grandes alunos e salvar sua alma, os professores deveriam ser como os santos, e a disciplina de ensino religioso deveria ser exemplo para as demais, que, por sua vez, deveriam incorporar o espírito da fé em sua obra, unindo ciência e religião.

Muitos foram os debates sobre a busca da santificação dos professores, o que com o passar dos tempos fez surgir o jargão de que ser professor é um dom quase que sagrado, sendo assim os profissionais, assim como os santos deveriam passar por cima de qualquer dificuldade terrena como afirmava a professora Santos (1944):

Como o professor poderá conseguir comunicar o amor a Deus e todas as virtudes cristãs se não as possuir? Daí a necessidade fundamental dessa santidade pessoal. Quais os meios de que devemos lançar mão para esse fim? Positivamente: procurando os meios que favorecem e desenvolvem a vida da graça, ou seja os sacramentos e boas obras. Negativamente: afastando os perigos que podem levar ao enfraquecimento ou até a morte da vida sobrenatural.

Assim seguiu toda a formação dos professores e professoras catequistas, sempre em união com Jesus Cristo porque só ele é a fonte de toda a vida espiritual e apenas com ele o rendimento esperado da disciplina religiosa seria alcançada.

Uma vez se fazendo professor ou professora catequista, a alma dos estudantes seria facilmente alcançada, lembrando que a religião católica era a única que deveria ser ensinada e a única que deveria ser mostrada como verdadeira, sem levar em consideração a formação religiosa inicial dos estudantes, uma vez catequizada, esperava-se que a criança ou o jovem sinta e ame o que aprendeu, leve esse conhecimento em seu coração e a partir daí propague o mesmo em seu círculo de convivência, uma verdadeira propagação da fé cristã, lembrando os ensinamentos religiosos dignos da Idade Média.

Outro ponto que chama a atenção nessa preparação é o fato de que tudo era supervisionado por autoridades religiosas ou pessoas ligadas à igreja ou ordens religiosas, fazendo com que muitos beatos e até mesmo padres assumissem salas de aula para lecionarem a disciplina de religião. Esses beatos e padres, muitas

vezes, eram os maiores responsáveis pela união íntima com Deus, embutindo sua presença na sala de aula, familiarizando os estudantes com a presença e o pensamento dos santos, fazendo-os conhecer profundamente a Bíblia Sagrada e estimulando as crianças e jovens a aplicarem esses conhecimentos em suas vidas cotidianas.

Os padres eram os que impunham também maior respeito, impondo castigos humilhantes ou até mesmo castigos corporais àqueles que eram considerados maus alunos ou alunos mais dispersos, esses alunos eram também tidos como sendo os mais falhos e era obrigação transformá-los em verdadeiros recipientes do espírito de Deus, para assim poderem alcançar a salvação.

Também, eram os sacerdotes os mais cobrados pelo rendimento dos alunos. O objetivo era fazer com que as crianças e jovens saíssem das escolas e colégios carregados com o Espírito da Igreja para, dessa forma, pensar como a igreja pensava, sentir o que a igreja sentia, querer o que a igreja quer e principalmente agir conforme ela manda.

Para alcançar tais resultados, era necessário aplicá-los através de conteúdos e exercícios. Tais aplicações práticas obedeciam, no entanto, aos planos de ensino religioso e, de acordo com os métodos catequéticos exigidos pelo arcebispo do Recife e Olinda, na época, Dom Miguel de Lima Valverde; ele era o responsável por permitir ou não a circulação do material religioso nas escolas e colégios.

Um método bastante utilizado era o de aproveitar os mais variados processos das outras aulas e disciplinas e aplicá-los às aulas de catecismo, tudo isso com um grande cuidado e respaldo para que a parte didática da disciplina não sacrificasse ou prejudicasse a parte doutrinária, que era considerada muito mais importante do que qualquer didática que pudesse ser aplicada.

Da mesma forma, o material distribuído em sala de aula não poderia dissipar ou atrapalhar o desenvolvimento religioso, por isso os professores catequistas eram ensinados a realizarem métodos que obtivessem muita clareza e principalmente “vida”; sendo essas as principais formas e lições a que devem obedecer. Outro ponto importante na forma de ministrar a aula é que ela deveria conter método, pois a falta dele trará a confusão e a desordem, além de tornar a disciplina cansativa, principalmente para as crianças, causando uma grande dissipação que não era tolerada, por isso, também, era dever dos mestres catequistas serem os mais metódicos possíveis em suas aulas.

As aulas também devem ter vida, uma vez que aulas monótonas causariam a chamada morte natural da vivacidade infantil e juvenil; a alegria deveria então ser cultivada, tornando as aulas bastante animadas e muito movimentadas. Dessa forma, a “aula viva” contribuía para uma maior satisfação, além de contribuir para a iluminação da inteligência e a fixação dos conteúdos e exercícios.

Em relação ao material didático, os professores catequistas não se restringiam apenas ao livro utilizado, tendo em vista uma grande preocupação com os conteúdos a serem explorados. A professora Delfina assim demonstrava a importância do desprendimento do livro como apenas uma única fonte de conhecimento, “o material didático é de grande importância pois, não se pode ensinar somente com os livros como antigamente, sendo mister que haja esse material nas praticas catequéticas”. (SANTOS, 1944).

Era justamente esses materiais que davam vida e animação às aulas. Como era de costume, optava-se como material auxiliar do ensino religioso: quadros murais, cartazes ou ainda estampas vistosas, com o intuito de atrair a atenção e o interesse das crianças, além de criar uma dinâmica produtiva e autoexplicativa para os jovens, pois jovens e principalmente crianças eram considerados como sendo altamente suscetíveis a trabalharem com figuras.

As catequistas professoras, muitas vezes, atraíam as crianças falando através de quadros murais, utilizando coleções de gravuras religiosas, maquetes, que eram construídas em conjuntos com os alunos, e até mesmo através da distribuição de santinhos em sala de aula.

Outro ponto importante que deveria ser levado em consideração era a narração e os comentários da lição; que deveriam ser efetuados no momento em que as crianças e jovens folheassem o álbum ou livro. Dessa forma, faziam com que os alunos apreciassem e vivenciassem o conteúdo. Novamente, essa estratégia era muito utilizada com os mais novos, tornando a utilização da impressão visual uma forte arma que era reforçada pelo desenho que as crianças deveriam fazer posteriormente como exercício.

Para os mais novos, toda aula deveria ter uma comprovação do aprendizado e a comprovação se fazia não apenas pela escrita, que era bastante cobrada aos mais velhos, mas também pelos desenhos ilustrados. A professora Yêda Grangeiro demonstrava que, em sua teoria o desenho é um excelente meio de expressão. Por meio dele o catequista poderá estudar a mentalidade de cada aluno. Nas classes preliminares o desenho deve ser espontâneo, decalcado ou colorido, nas adiantadas, a ilustração deve ser mais sóbria e o mais possível representativa, podendo o desenho acompanhar a ilustração religiosa desde as classes mais elementares até as mais adiantadas. (GRANGEIRO, 1944).

Além dos livros e outros materiais didáticos, os álbuns, muitas vezes confeccionados pelas próprias crianças, eram regularmente utilizados. Nessas confecções, os alunos utilizavam geralmente imagens de santos retirados de revistas, assim como os próprios santinhos que elas poderiam trazer de suas casas.

Essa metodologia se baseava no fato e na crença de que as crianças gostam muito de cortar e colar qualquer coisa; por isso, esse método era visto e aproveitado para gerar grande satisfação

e alegria, além de garantir também a satisfação dos estudantes primários. As projeções luminosas seriam uma grande forma e meio de recapitulação das lições, pois os mesmos poderiam atrair com facilidade a curiosidade dos jovens e principalmente das crianças.

Para a infelicidade da maioria dos professores, esse meio de projeção luminoso não era muito utilizado, tudo devido às dificuldades na aquisição dos aparelhos projetores, além dos filmes religiosos e didáticos. Na falta desses, os professores voltavam suas atenções novamente para as gravuras e os quadros murais, muito mais simples de serem feitos.

Era conveniente para os mesmos professores prenderem nas paredes das salas de aula e corredores das escolas e colégios esse quadros murais, alguns bem chamativos; com letras maiores mantinham a atenção dos que passavam pelo local. As frases utilizadas geralmente eram frases curtas, porém sugestivas e ficava a critério do professor ou professora catequista a confecção desses murais, se eles seriam ou não, por exemplo, ilustrados e também escolher uma frase principal que pudesse demonstrar a todos o espírito da classe, assim também como sua lição de moral. Outro método bastante utilizado na aprendizagem eram os jogos, que deveriam ser utilizados como métodos para gravar ou recapitular certos conceitos da aula de religião. O professor, no entanto, era aconselhado a evitar os chamados jogos vivos, como por exemplo jogos considerados turbulentos ou que incentivassem a competição entre os membros da sala de aula. Deveriam também evitar os jogos considerados pouco eficientes que tomavam muito tempo e davam pouco proveito ao aluno.

Para as classes menores não era também comum a narração de histórias consideradas edificantes e relacionadas com o ponto de vista da disciplina, o que conseguia amenizar a aula falando diretamente à inteligência e à vontade infantil. Esse processo ajudava a criança a desenvolver seu raciocínio e,

consequentemente, fazia com que a mesma subisse vários degraus para a sua formação espiritual.

As crianças deveriam ter a fixação das aulas de catecismo no espírito garantido e para isso aplicava-se também as dramatizações de parábolas e episódios da Bíblia Sagrada, bem como a biografia dos santos e santas da Igreja Católica. Essas mesmas dramatizações deveriam ser dirigidas com grande cuidado pelos professores e professoras catequistas, pois a representação dos alunos deveria ser realizada com muita seriedade, evitando assim brincadeiras ou evitando que tudo pareça gracejo dos alunos.

Para as dramatizações, os palcos e indumentárias, além de livretos, eram dispensáveis. Essas representações eram consideradas melhor representadas pelos alunos maiores e mais adiantados, enquanto que os menores e os considerados mais atrasados a elas assistiam, servindo, dessa forma, para os mesmos como uma espécie de recapitulação do aprendizado.

Como muitas vezes a sala de aula possuía um padroeiro, as aulas poderiam também ser consagradas a um santo ou a Nossa Senhora, o que acontecia na maioria das vezes, o que tornava a santa patrona da maioria das classes e turmas.

Era costume antes de a aula começar, o professor ou professora catequista rezar ou dirigir preces àquele patrono e, nos dias consagrados a ele deveria ser feita uma festinha religiosa no clube de leitura da escola ou colégio.

A festa de encerramento do ano letivo religioso poderia e deveria ser feito com muita animação e gosto pelos estudantes, podendo haver inclusive a parabenização e a entrega de prêmios aos estudantes com maior rendimento na disciplina.

É justamente dentro desse ambiente de inteligência, sabedoria e, principalmente, espiritualidade, visando à glória de Deus e

à salvação das almas, que as atividades catequéticas deveriam evoluir tanto quanto fosse possível e urgente. Esse aprendizado fazia com que tanto mestres como alunos compreendessem que a Igreja estava na vanguarda das melhores intenções e principais preocupações com o desenvolvimento escolar e educacional.

Conclusão

Percebemos, através do referido trabalho, que o Ensino Religioso constitui um verdadeiro desafio para quem ministra suas aulas e também é muito mais complexo do que muitos imaginam.

Desde os primórdios da educação brasileira pode-se falar em ensino religioso e como esse mesmo ensino contribuiu para a formação da nossa sociedade atual, é fato que o catolicismo implantado em nosso país contribuiu para a formação de uma classe dominante restritamente católica e que essa mesma classe dominante influenciava na mentalidade tanto de professores como alunos durante os anos de 1940, com a formação dos grandes colégios católicos e que irá durar até os dias atuais em sua grande maioria da população.

Esse catolicismo exacerbado contribuiu para a exclusão das demais crenças, que eram vistas como crenças sem sentido ou fanatismo religioso, que em nada contribuíam com o verdadeiro espírito cristão que deveria reinar tanto em sala de aula como na nossa sociedade, uma vez que embutidos pelo verdadeiro espírito cristão, os jovens poderiam contribuir para o crescimento social e serem pessoas realmente dignas nessa mesma sociedade na qual servem.

Essa manobra criada pelas autoridades juntamente com as várias dioceses e seus representantes contribuía para a formação e a manutenção de um espírito católico, para os quais bispos só autorizavam a utilização de material para estudos exclusivamente católicos nas escolas.

Também vimos como o espírito de humildade e o de caridade deveriam prevalecer sobre os desejos mundanos, o que fazia com que tanto alunos como principalmente os professores, aceitassem as provações em sala de aula não como problemas a serem resolvidos, mas como verdadeiras provações enviadas por Deus e que deveriam ser obedecidas sem maiores questionamentos. Foi justamente esse tipo de pensamento que transformou a profissão de docente em uma espécie de sacerdócio no qual o professor é visto como uma espécie de homem santo, disposto a suportar qualquer tipo de dificuldade assim como os apóstolos de Cristo suportavam.

Esse pensamento, muitas vezes, prevalece nos dias atuais, nos quais os professores também têm que se sujeitar a inúmeras dificuldades, e muitas vezes, precisam aceitar essa situação como uma espécie de favor aos seus superiores.

Referências

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos da História Colonial**. 4Ed. Rio de Janeiro; 1954.

BANDEIRA, Pedro de. **O Apostolado e a Vida Litúrgica da Igreja**; Recife; 1944. Biblioteca Pública do Estado.

BEZERRA, Andrade. **Ensino Religioso nas Escolas**; Editora da Boa Imprensa; Recife; 1931.

BELO, Rui Barbosa de Aires. **Notícias Históricas da Educação no Brasil**; Recife; 1944. Biblioteca Pública do Estado.

CURRY, Carlos Roberto. **Ensino Religioso na Escola Pública: O retorno de uma polêmica recorrente**; Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro; 2004.

CUNHA, Alice Carneiro da. **Metodologia do Ensino Religioso: Formação Intelectual do Catequista**. Recife; 1944. Biblioteca Pública do Estado.

GRANGEIRO, Yêda. **Metodologia do Ensino Religioso: Formação Intelectual do Catequista**. Recife; 1944. Biblioteca Pública do Estado.

LIMA, Oliveira. **O Movimento da Independência; Aspectos da História e da Cultura do Brasil**; Recife; 1923.

MARTINS, Mauricio Vieira. **O Criacionismo Chega as Escolas do Rio de Janeiro; Uma Abordagem Sociológica**. Rio de Janeiro; 2004.

MENEZES, José Rafael de. **Os Colégios Católicos e o Espírito do Evangelho**. Recife; 1961. Biblioteca Pública do Estado